

PRÁTICAS EXTENSIONISTAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL: UMA ANÁLISE DAS MARISQUEIRAS DA COMUNIDADE DE MANGUE SECO EM VALENÇA (BA)^{*}

Workers practices for social development: an analysis of community of seafood dry of Mangue Seco in Valença (BA)

Ana Maria Ferreira Menezes
Maria de Fatima Hanaque Campos

Resumo

O objetivo desse artigo foi analisar as práticas extensionistas para o desenvolvimento social na comunidade de Mangue Seco em Valença (BA), levando em conta a perspectiva do desenvolvimento social, que está correlacionado com o projeto de pesquisa-ação Mapeamento e Difusão de Ferramentas de Gestão do Conhecimento e Capital Social em comunidades locais: um estudo sobre as marisqueiras do Mangue Seco em Valença – (Ba). A metodologia adotada tem caráter interdisciplinar e de análise qualitativa. Como resultado ressalta-se a visibilidade das práticas e saberes das marisqueiras envolvidas no projeto.

Palavras-chave: Princípios Extensionistas. Práticas e saberes. Desenvolvimento.

Introdução

A atividade de mariscagem encontra-se como alternativa de sobrevivência de comunidades tradicionais que vivem as margens dos manguezais, estuários e áreas litorâneas. Essa atividade tem sido a principal base econômica que garante a sobrevivência, possibilitando, principalmente, às mulheres, possuidoras de saberes expressos em práticas, assumirem a criação dos filhos na maioria das vezes sem o auxílio dos pais.

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é organizada através de um sistema *multicampi* e tem um forte viés extensionista, que se materializa nos diversos projetos e programas voltados para comunidades no entorno dos 24 *campi*. Em 2010, alguns professores, vinculados ao *campus* de Valença, propuseram o Projeto de Extensão Maria Marisqueira, que desenvolveu atividades com as marisqueiras da comunidade de Mangue Seco. Decorrente deste Projeto de Extensão foi formulado, em 2011, o projeto de pesquisa-ação Mapeamento e Difusão de Ferramentas de Gestão do Conhecimento e Capital Social em comunidades locais: um estudo sobre as marisqueiras do Mangue Seco em Valença – (Ba), que incorporou a essência do Projeto de Extensão citado acima, e buscou investigar, em conjunto com as marisqueiras, quais ferramentas de gestão do conhecimento podem contribuir para a melhoria das atividades produtivas de mariscos na comunidade de Mangue Seco em Valença (BA), bem como acompanhar e avaliar a implementação das mesmas. Este projeto deu continuidade às relações estabelecidas entre a UNEB e a sociedade de Valença, cumprindo, assim, com seu compromisso social. Esta pesquisa-ação teve caráter interdisciplinar e assumiu como metodologia a análise qualitativa, que procura conhecer e intervir em uma realidade, porém de forma dialogada, considerando dimensões econômicas e socioculturais.

A partir dos resultados desta pesquisa objetivou-se neste artigo analisar as práticas extensionistas para o desenvolvimento social na comunidade de Mangue Seco em Valença (BA), levando em conta a perspectiva do desenvolvimento social. Para atingir o objetivo percorreram-se os seguintes caminhos: elaborou-se uma fundamentação teórica acerca dos princípios extensionistas da socialização do conhecimento para o desenvolvimento social;

em seguida, identificaram-se as práticas de difusão do conhecimento na comunidade de Mangue Seco; por fim, apresentaram-se as considerações finais.

Princípios extensionistas da socialização do conhecimento para o desenvolvimento social

As relações entre Universidade e Sociedade estão balizadas nos princípios extensionistas definidos pelo Fórum de Pró-Reitores de Extensão (FORPROEX), delimitando, assim, as concepções de projetos, programas e ações universitários que se preocupam com essas relações. Sendo assim, assume-se a definição que segue,

A Extensão Universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre Universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012, p. 15).

O papel da informação e do conhecimento projeta-se sobre diferentes dimensões da vida e do trabalho humano, de modo que as dinâmicas cognitivas, colaborativas e socioespaciais tornam-se interdependentes. Desta forma, a revalorização do homem nesta Sociedade do Conhecimento dá-se a partir da sua capacidade de pensar, de elaborar analogias simples e complexas, de informação e do conhecimento (PITOMBO, 2012).

Seguindo a lógica de análise deste autor, identifica-se que as relações colaborativas e solidárias, propostas para comunidades tradicionais possibilitam a formação de redes sociais (universidades, poder local, sociedade civil, cooperativas de economia solidária, entre outros), que visam à interação dialógica e socialização de conhecimentos e saberes.

Essa interação, que ocorre também através de redes sociais, possibilita o compartilhamento de informações direcionadas ao melhoramento da atividade produtiva, bem como agregar valor ao processo de organização que se refletirá na capacidade de desenvolver habilidades dos sujeitos de aprender e criar novo conhecimento, individualmente ou em grupo e principalmente, em rede.

Na atualidade, o desenvolvimento parece advir da valorização simultânea dos recursos naturais e, sobretudo, a valorização das potencialidades humanas. Segundo Joan Robinson (1961), desenvolvimento deve corresponder à ampliação das possibilidades de escolha: não apenas de modelos de automóvel ou canais de televisão, mas, sobretudo das oportunidades de expansão das potencialidades humanas que dependem de fatores socioculturais, como saúde, educação, comunicação, direitos e – por último, mas não menos importante - liberdade.

Sen (2000) corrobora a opinião de Joan Robinson ao defender que o desenvolvimento deve ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. O desenvolvimento não deve ter como objetivo final, apenas, a melhoria de variáveis como o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), aumento da renda per capita, industrialização, avanço tecnológico ou modernização. São variáveis, obviamente, importantes como meios de expandir as liberdades. Mas as liberdades são essencialmente determinadas por saúde, educação e direitos civis. Depreende-se que a área sociocultural deve ter papel prioritário no desenvolvimento de um país, estado, município ou comunidade.

A questão do desenvolvimento pode, também, ser identificada no contexto em que o modelo de desenvolvimento adotado deva ser aquele em que se coloque o crescimento econômico sob as rédeas da justiça social e do equilíbrio ecológico, que disciplina a entrada no processo de globalização em função da aferição dos resultados internos à região. Assim, é

necessário que a produção de riquezas caminhe junto com a produção de conhecimentos.

A complexidade do objeto de estudo deste trabalho, que envolve questões relacionadas com a economia, com a química e com a cultura, requer que o mesmo seja tratado numa perspectiva interdisciplinar, visando à solução de problemas, pautada na articulação de conhecimentos e saberes que possam dar conta desse objeto de estudo. A interdisciplinaridade surge, então, como uma das alternativas de abordagem para essa nova forma de investigar os fenômenos (HOFF et al., 2007, p. 44). Cutolo (2007, p. 19) coloca que a interdisciplinaridade pode ser caracterizada “como a possibilidade do trabalho conjunto na busca de soluções, respeitando-se as bases disciplinares específicas”.

Práticas extensionistas: uma análise das marisqueiras da Comunidade de Manguê Seco em Valença (BA)

Vários estudos detêm-se sobre comunidades tradicionais que abrigam mulheres pescadoras que vivem às margens dos manguezais e estuários e que sobrevivem da atividade da mariscagem - conhecida como a prática de capturar e beneficiar animais aquáticos (Brasão, 2011; Brunet, 2006; Gomes, 2009; Rocha, 2010).

A atividade originou-se da necessidade das mulheres ajudarem seus maridos que ao voltarem da pesca traziam os pescados, que eram inicialmente limpos e eviscerados por elas, para além de ocuparem-se com a lide doméstica. Dessa maneira, a atividade de mariscagem consubstanciou-se, por décadas, como trabalho doméstico visto ser uma extensão deste, possuindo, desta forma, características similares ao mesmo, especialmente aquelas orientadas para a subsistência, que têm baixa remuneração e, posteriormente, as mulheres também passaram a frequentar o mar e os manguezais para desenvolverem a atividade de pesca, agora não mais para auxiliar seus maridos no sustento da casa e sim para extrair da natureza os alimentos para a sua própria sobrevivência.

Como nosso objetivo foi analisar as práticas extensionistas para o desenvolvimento social na comunidade das marisqueiras de Manguê Seco do município de Valença, na Bahia, começaremos por caracterizar esse município, que se encontra a 262 quilômetros de distância de Salvador, capital do estado, sobre uma extensa faixa, ao litoral sul da Bahia, entre a Baía de Todos os Santos e a Baía de Camamu, que exhibe ricos ecossistemas, a exemplo de manguezais, mata atlântica, restingas e, muitas vezes, uma combinação de todos eles. De acordo com os dados do IBGE, o município apresenta como principais atividades geradoras de emprego e renda aquelas que compõem o setor primário da economia, quais sejam: agricultura, pecuária, pesca; seguido do setor secundário representado pela construção naval e a indústria têxtil; e o setor terciário com as atividades relacionadas ao comércio e ao turismo.

A comunidade de Manguê Seco constitui-se em um bairro periférico do Município de Valença (Ba). Nesta comunidade vivem cerca de 400 famílias (em torno de 1.500) pessoas. Para efeito deste trabalho contou-se com a participação de 40 marisqueiras. A maioria sobrevive da pesca e da mariscagem sendo que homens dedicam-se a pesca e mulheres dedicam-se à mariscagem, ou seja, sobrevivem das lidas do mar. Este bairro é conhecido pelos altos níveis de violência atrelados ao tráfico de drogas e seus moradores vivem à margem da sociedade.

As atividades de pesca e mariscagem, apesar de significativas no município, ainda fundamentam-se em práticas tradicionais de baixa produtividade. Percebe-se a deficiência na infra-estrutura de apoio, traduzido no baixo nível tecnológico utilizado, na insuficiência de frigoríficos e entrepostos devidamente planejados. A ausência de capacitação das pessoas envolvidas na atividade e a dificuldade na organização social e financeira dos grupos envolvidos induzem à submissão da distribuição e da comercialização do pescado in natura à intermediação, encarecendo-o, sem que com isso resulte em maior renda para o pescador

e, especialmente para as marisqueiras. O beneficiamento é relativamente pequeno, o que proporciona uma reduzida agregação de valor à produção pesqueira local.

A atividade de mariscagem está ligada a referências culturais de um povo, e envolvem saberes que são adquiridos através das tradições locais, na observação direta, no contato com a natureza. Ao interferir na natureza, através das técnicas já utilizadas e ao criar novas técnicas, a experiência humana se torna fonte de ideias e de sustento.

Para efeitos de apropriação do objeto de estudo, construiu-se um tripé entre as ciências sociais aplicadas, ciências exatas e linguística, letras e artes. Assim, o 1º eixo, das ciências sociais aplicadas, particularmente a economia, busca intermediar possibilidades e melhorias das atividades produtivas de mariscos. O 2º eixo, das ciências exatas e da terra, particularmente a química, busca treinar as marisqueiras, através de oficinas, no trato dos mariscos, principalmente no que pese as boas práticas, cuidados de higiene e de aspectos químicos, a exemplo de diferentes substâncias químicas, como os detergentes e os praguicidas, que podem não estar devidamente etiquetados, transportados, armazenados e que podem estar sendo utilizados incorretamente, dando origem à contaminação dos alimentos por substâncias químicas e ao surgimento de surtos de doenças, que ocorrem por enganos ou confusões durante a sua manipulação. O 3º eixo, linguística, letras e arte, particularmente relacionada com diversidade cultural, busca identificar a história de vida, expressões artísticas e culturais, relacionadas com o seu ambiente. Esses eixos estão representados no Design cognitivo da interdisciplinaridade na análise das marisqueiras de Mangue Seco – Valença (Ba)



Figura 1: Design cognitivo da interdisciplinaridade na análise das marisqueiras de Mangue Seco – Valença (Ba)

Fonte: Elaboração das autoras

As práticas e saberes das marisqueiras do Mangue Seco em Valença (BA) são entendidas aqui como expressões do fazer humano, que se constituem elementos da cultura material, na medida em que produz conhecimento a partir da experiência cumulativa, passada através

de relações familiares ou de dinâmicas desenvolvidas nas comunidades beira mar e/ou ribeirinhas.

A atividade da mariscagem é definida como a ação de apanhar, procurar, buscar ou catar mariscos (camarão, lagosta, siri, ostra, aratu, gaiamun etc.); as técnicas e instrumentos que tem sido utilizados no processo produtivo são rudimentares e dependem da habilidade manual necessária para realizar a separação do alimento das estruturas ósseas.

O grupo de mulheres de Mangue Seco se divide basicamente em marisqueiras e catadeiras, que extraem do mangue sururu, ostra, siri, aratu e caranguejo, além disso, o grupo trabalha ainda com o filetagem do camarão.

As marisqueiras catadeiras são as mulheres que não precisam ir ao mangue extrair os mariscos, porém necessitam acompanhar toda a dinâmica das marés para obterem a matéria prima de seu trabalho. Independente da hora que elas cheguem a suas casas o processo do beneficiamento tem que dar início com certa urgência, pois os mariscos são altamente perecíveis e qualquer atraso no seu trato poderá ocasionar degeneração do produto.

A categoria denominada de marisqueiras refere-se aquelas mulheres que vão ao mangue extrair da natureza seu próprio meio de subsistência utilizando as mãos como principal instrumento de seu trabalho, tendo muitas vezes que mergulhar nas águas poluídas, enfrentar alguns animais peçonhentos e até mesmo sofrer com a violência humana que se propaga cada vez mais.

É possível verificar em períodos de escassez, que as marisqueiras e catadeiras realizam trabalho artesanal com conchas do mar, pedras ornamentais, confeccionando brincos, colares e outros enfeites que se revertem em contribuição efetiva para a renda familiar, principalmente no verão, quando a cidade recebe um grande número de turistas.

Nesta perspectiva, os pesquisadores envolvidos no projeto de pesquisa, acima referenciado, desenvolveram uma série de ações extensionistas, durante o período de 2012 a 2014, como cursos, palestras e oficinas, com o objetivo de propiciar a difusão de conhecimentos, bem como o aprimoramento de práticas voltadas para a melhoria da atividade da mariscagem, tanto no seu processo produtivo, quanto na questão relacionada com a comercialização. Objetivando também a melhoria do padrão de renda das marisqueiras foram oferecidas algumas oficinas de artesanato em escamas de peixes. Estas atividades foram desenvolvidas nas dependências do Instituto Federal da Bahia (IFBA), localizado no município de Valença (BA), instituição parceira, e algumas delas estão descritas a seguir.

O curso de Tecnologia de Pescado ocorrido em agosto de 2012, ministrado pelo Professor José Antônio Muniz, objetivou capacitar as marisqueiras do Mangue Seco no aprendizado de novas técnicas de beneficiamento de pescado e marisco, entre outros. Neste curso foram realizadas as seguintes oficinas: filetagem das tilápias; apresuntado de peixe; defumação das tilápias; patê de camarão; e, preparação de lasanhas e técnicas de embalagem.

Em maio de 2013 realizou-se o Curso de Artesanato em Escamas de Peixes, que objetivou desenvolver práticas de manejo das escamas para elaborar as bijuterias. As mulheres empenharam-se para aprender o passo a passo e as técnicas para a criação das peças. O curso possibilitou trocas de saberes entre as mulheres, suas filhas e a equipe, tornando assim, um ambiente alegre e de aprendizado. No curso as marisqueiras tiveram a oportunidade de aprender as principais técnicas e posteriormente aplicá-las na confecção das peças. A professora ensinou o procedimento de coleta, lavagem e triagem das escamas para o início da atividade. Foram elaboradas diversas peças, a exemplo de colares, brincos e pulseiras. A intenção do curso foi de sensibilizar as marisqueiras para oportunidades de incremento de renda, descoberta de aptidões e desenvolvimento social, sendo a criação de peças de artesanato em escamas uma atividade proposta para ser desenvolvida no período do defeso

Em outubro de 2014 realizou-se o curso de Boas Práticas de Produção, organizado pelo Projeto Maria Marisqueira, para capacitar as marisqueiras na higienização e organização de materiais e instrumentos necessários para as atividades de mariscagem. Este curso foi

ministrado pelo facilitador Vinícius Silvany Santana, que orientou a divisão de trabalho e o

que cada equipe iria fazer. Apresentou os equipamentos de trabalho como: luva, bota, touca, óculos e avental. Em seguida a forma correta de higienização das mãos. Outro ponto importante é a higienização do espaço onde será realizado o trabalho. O relevante dessa oficina foi a apresentação para as marisqueiras das ferramentas de trabalho e do cuidado necessário para cada atividade.

Para além desses cursos o projeto de pesquisa tem por objetivo refletir junto com as marisqueiras sobre oportunidades que possam emergir de iniciativas e melhorias comunitárias. O grupo de pesquisadores, que compõem o referido projeto de pesquisa, identificou, a partir da escuta das marisqueiras, a necessidade de reforçar capacidade produtiva e solidária da comunidade do Mangue Seco em Valença (BA) no sentido de buscar-se ações para resolução dos problemas locais, bem como o empoderamento e engajamento social. A melhoria da produção, a difusão e conversão de conhecimento efetivamente produtivo para a comunidade revelam-se no alargamento das possibilidades de emancipação, organização, cooperação e melhoria da qualidade de vida do grupo de marisqueiras envolvidas no projeto.

A melhoria da produção, a difusão e conversão de conhecimento, originalmente gestada no seio das empresas, assumem na atualidade um viés mais amplo no sentido de abrigar uma gama de processos de construção e difusão de saberes e competências a fim de validá-los para uso coletivo conforme sugere o espiral da conversão do conhecimento de Takeuchi e Nonaka (2008).

Neste sentido, pode-se conceber a aplicação da gestão do conhecimento em espaços sociais objetivando tanto a transformação do conhecimento tácito, aquele que pertencem e é de difícil transferência, em conhecimento explícito. O conhecimento produzido passa por um processo de socialização e o compartilhamento de saberes a partir da troca criando condições para o desenvolvimento das pessoas.

A criação, a socialização e o compartilhamento do conhecimento e informações, bem como a conversão destes em inovações, constituem-se como processos socioculturais e suas práticas e relações inscrevem-se no espaço e na própria produção do espaço. O papel do conhecimento na gestão de redes sociais se configura como um mecanismo para a geração de conhecimento utilizável, na medida em que possibilita às pessoas estabelecer laços cooperativos com vistas à socialização, externalização, combinação e internalização da informação necessária à organização de coletivos em geral.

Este processo de conversão do conhecimento gira ininterruptamente a partir das interações dos indivíduos entre si e com os veículos de conhecimento explicitados. Neste sentido, construiu-se um design cognitivo das ferramentas de conhecimento e capital social das marisqueiras de Mangue Seco – Valença (Ba), adaptado a partir de Takeuchi; Nonaka (2008).

O papel da gestão do conhecimento na sociedade democrática se reveste de suma importância, posto que pode proporcionar uma inserção social que, por sua vez, pode levar à redução das desigualdades sociais. Assim, Menezes; Campos (2009) salientam a importância de se reconhecer as especificidades da sociedade do conhecimento, relacionando conceitos como aprendizagem organizacional, desenvolvimento de competências, capital humano e intelectual às diferentes formas do conhecimento e aos processos de circulação, absorção e acumulação através dos quais o conhecimento passa a ser considerado como ferramenta de inclusão social e profissional e ativo estratégico vinculado a processos inovativos.

MARISCAGEM



Figura 2: Design cognitivo das ferramentas de conhecimento e capital social das marisqueiras de Mangue Seco – Valença (Ba)
Fonte: Adaptado de Nonaka e Takeuchi, 2008

Considerações Finais

A partir do Projeto de Extensão Maria Marisqueira houve desdobramentos de maior envergadura técnico-científica que levaram à formulação do projeto de pesquisa-ação Mapeamento e Difusão de Ferramentas de Gestão do Conhecimento e Capital Social em comunidades locais: um estudo sobre as marisqueiras do Mangue Seco em Valença – (Ba). Este projeto, tal como sinalizado anteriormente, deu continuidade às relações estabelecidas entre a UNEB e a sociedade de Valença. Esta pesquisa-ação teve caráter interdisciplinar e assumiu como metodologia a análise qualitativa, que procura conhecer e intervir em uma realidade, porém de forma dialogada, considerando dimensões econômicas e socioculturais.

O projeto de pesquisa-ação referenciado vem gerando inúmeros resultados, entre os visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, objetivos e subjetivos, que podem ser elencados através da rede colaborativa, cooperativa e participativa de todos os atores envolvidos no processo (docentes, discentes de graduação e nível médio, graduados, mestres e mestrands, doutores e doutorandos, pesquisadores, técnicos, empresários, sujeitos da comunidade, representantes de projetos sociais e voluntários envolvidos com a perspectiva extensionista), que juntos vem materializando saberes, sabores e ações geradoras de trabalho e renda. Para tanto, tem sido travado um esforço em recuperar o passado e analisar a situação presente do território, de forma a construirmos um ciclo de solidariedade ao qual cada ator social local subordinará seus interesses particulares em função dos interesses comuns.

Embora seja claro para os pesquisadores a importância da visibilidade dos saberes e práticas de mariscagem, o que possibilitou um reconhecimento do valor social e histórico-cultural dessa comunidade, a própria comunidade está distante do reconhecimento deste valor e aguarda o reconhecimento externo para ela mesma assumir suas possibilidades e limites. Nesta perspectiva, as relações estabelecidas entre a UNEB e a comunidade de Mangue Seco em Valença (BA), através do diálogo, têm proporcionado um amalgamento entre os saberes da sociedade e o conhecimento universitário capazes de modificar a consciência das marisqueiras no que pese a valorização da organização de seu trabalho e de sua condição na sociedade.

As oficinas realizadas proporcionaram melhorias dos processos produtivos. Entretanto, não obteve resultados positivos na organização e coesão do grupo que ainda encontra-se organizado sem espírito de equipe. As marisqueiras querem uma mudança de condição de vida, porém há um longo percurso até que elas decidam trilhar e desbravar caminhos por iniciativa própria. A pressão do trabalho para sobreviver não lhes dá condições de refletir sobre a possibilidade de organizarem-se para lutarem juntas, e mais fortes, por melhoria da condição de vida. Desta forma, é objeto de futuras propostas de intervenção, junto às marisqueiras, envidar esforços no sentido de se organizar o trabalho das mesmas em cooperativa ou associação.

Referências

- BRASÃO, Maria de Fátima Fernandes. Cotidiano e trabalho das marisqueiras e catadeiras de Valença – BA (1960 – 2000). Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Programa de Mestrado em História Regional e Local, 2011.
- BRUNET, Joana Maria Soler. Aratus, caranguejos, siris e guaiamuns, animais do manguezal: uma etnografia dos saberes, técnicas e práticas dos jovens da comunidade Pesqueira de Baiacu (Ilha de Itaparica-Ba). Dissertação (Mestrado) Programa Ensino, História e Filosofia das Ciências da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006.
- CUTOLO, Luiz Roberto Agea. Bases epistemológicas da interdisciplinaridade. In: SAUPE, Rosita; WENDHAUSEN, Águeda Lenita Pereira (orgs.). *Interdisciplinaridade e saúde*. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, 2007.

FORPROEX. Política nacional de extensão universitária. Manaus (AM), maio de 2012. Disponível em <http://www.renex.org.br/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>. Acesso em 19/12/2014.

GOMES, Rosana Costa. A vida no vai-e-vem das águas Mulheres: marisqueiras de Salinas da Margarida, Trabalho, Cultura e Meio Ambiente (1960-1990). Dissertação (Mestrado), Universidade do Estado da Bahia, Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2009.

HOFF, Débora Nayar et al. Os desafios da pesquisa e ensino interdisciplinares. *RBPG*, Brasília, v. 4, n. 7, p. 42-65, julho de 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Estatísticas sobre educação. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home>. Acesso em 08 de agosto de 2007.

MENEZES, Ana Maria Ferreira; CAMPOS, Maria de Fátima Hanaque. Gestão do Conhecimento e capital social: uma proposta metodológica para o desenvolvimento sustentável local. Trabalho apresentado no X Congresso Luso-Afro Brasileiro de Ciências Sociais: sociedade desiguais e paradigmas em confronto. Braga (PT): Anais (resumo), 04 a 07 de fevereiro de 2009.

PITOMBO, Arlindo. *Gestão Social do Conhecimento nos Centros Digitais de Cidadania(CDC)*: uma contribuição para a cidadania e desenvolvimento no campo. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas, Gestão do Conhecimento e Desenvolvimento Regional. Salvador, Universidade do Estado da Bahia, 2012.

ROBINSON, Joan. Equilibrium growth models. *The American Economic Review*, v. 51, pp. 159-167, June 1961.

Rocha, Jeísa Crusoé. A APA como instrumento para conservação da atividade pesqueira artesanal da Ilha de Boipeba. Dissertação (mestrado), Universidade Católica do Salvador/Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental. Salvador, 2010.

SEN, Amartya Kumar. *Desenvolvimento como liberdade*. Tradução Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TAKEUCHI, Hirotaka; NONAKA, Ikujiro. *Gestão do conhecimento*. Porto Alegre: Bookman, 2008.

* Este artigo apresenta resultados decorrentes do projeto de pesquisa-ação Mapeamento e Difusão de Ferramentas de Gestão do Conhecimento e Capital Social em comunidades locais: um estudo sobre as marisqueiras do Mangue Seco em Valença – (Ba), financiado pela Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.